

Fichamento para Atividade Orientada de Ensino

Aluna: Júlia Viana Corrêa RGA: 2020.0903.008-4

Foram dois textos :

- 1) Melanie Klein
- 2) Psicanálise em diferentes contextos
- 3) Psicanálise Aplicada - Apenas 4 textos , ou seja , 40h

Introdução à obra de Melanie Klein -Hanna Segal-Imago-1975, Capítulos I a V

“ [...] Durante essa fase, estabeleceu os fundamentos da análise de crianças e delineou o complexo de Édipo e o superego até as raízes primitivas de seu desenvolvimento.” (p.12)

“A segunda fase conduziu à formulação do conceito da posição depressiva e dos mecanismos de defesa maníaca, descritos principalmente em seus artigos “A Contribution to the Psychogenesis of the Manic Depressive States” (1934) e “Mourning and its Relation to Manic Depressive States” (1940).” (p.12)

“ A terceira fase ocupou-se do estágio mais primitivo, que ela chamou de posição esquizo-paranóide, formulada principalmente em seu artigo “Notes on some Schizoid Mechanisms” (1946) e em seu livro *Envy and Gratitude* (1957)” (p.12)

“ Melanie Klein viu que o brincar da criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e Fantasias. Visto que não se pode exigir a crianças pequenas que façam associação livre, ela tratou seu brincar na sala de recreio do mesmo modo com o tratou suas expressões verbais, isto é, com o expressão simbólica de seus conflitos inconscientes” (p.13)

Introdução à obra de Melanie Klein Hanna Segal Imago 1975 VI a X

“À medida que os processos de divisão (splitting), projeção e introjeção ajudam a ordenar suas percepções e emoções, e a separar as boas das más, o bebê se sente confrontado com um objeto ideal — que ele ama, tenta adquirir e conservar, e com o qual tenta identificar-se — e com um objeto mau, no qual projetou seus impulsos agressivos e que é sentido como uma ameaça ao próprio bebê e a seu objeto ideal.” (p.80)

“A posição depressiva foi definida por Melanie Klein como a fase de desenvolvimento na qual o bebê reconhece um objeto total e se relaciona com esse objeto. Esse é um momento crucial no desenvolvimento do bebê, e é claramente reconhecido por

leigos.” (p.81)

“Isso não quer dizer que o aparecimento de defesas maníacas seja em si mesmo um fenômeno patológico; elas têm um importante e positivo papel a desempenhar no desenvolvimento. A resolução da depressão pela reparação é um processo lento, e faz-se necessário muito tempo para que o ego adquira suficiente força para sentir confiança em suas capacidades reparadoras.” (p.95)

“A organização de defesas maníacas na posição depressiva inclui mecanismos que já estavam em evidência na posição esquizo-paranóide: divisão (splitting), idealização, identificação projetiva, negação, etc. O que distingue o uso posterior dessas defesas é que elas são altamente organizadas, de acordo com o estado de maior integração do ego, sendo também especificamente dirigidas contra a experiência de ansiedade depressiva e culpa.” (p.95)

“A relação maníaca com objetos é caracterizada por uma tríade de sentimentos — controle, triunfo e desprezo. Esses sentimentos estão diretamente relacionados com sentimentos depressivos de valorizar o objeto e de depender dele, bem como de medo de perder e culpa, sendo também defensivos contra eles.”(p.96)

“O paciente estabeleceu um elo entre os dois sonhos e se deu conta de que devia ser ele mesmo quem comia carne humana. Devia ter comido seu patrão, que representava seu pai, e assim chegará a sentar-se na cadeira do patrão, sentindo-se tão estranhamente grande e pesado.”(p.99)

“As fantasias e atividades reparadoras resolvem as ansiedades desde a posição depressiva. A aguda intensidade da ansiedade depressiva é mitigada pelas repetidas experiências de perda e recuperação do objeto.”(p.105)

“A reparação maníaca é uma defesa na medida em que seu objetivo é reparar o objeto de tal modo, que culpa e perda nunca sejam experimentadas.”(p.108)

“Por exemplo, a compreensão de como a identificação projetiva trabalha, torna mais evidente a razão por que é essencial para o analista não sair de seu papel. Por outro lado, detalhes de técnica, a manipulação real do material, são inevitavelmente influenciados pelos próprios pontos de vista sobre a dinâmica envolvida.”(p.134)

“ Interpretações ad hoc do tipo “você coloca sua raiva em mim” ou “você desconfia de mim” sem elaboração posterior são experimentadas pelo paciente como perseguidoras que rechaçam o que foi projetado. Tem-se de interpretar sempre no contexto da relação total, levando em conta as ansiedades e motivos do paciente e o objetivo das projeções.”(p.135)

A Psicanálise de Crianças Melanie Klein Imago 1997 , Parte I. Capítulos 1 a 3

“ Se desejarmos compreender o brincar da criança corretamente em relação ao seu

comportamento como um todo durante a sessão analítica, não devemos nos contentar em pinçar o significado dos símbolos isoladamente na brincadeira, por impressionantes que sejam tão freqüentemente, mas devemos considerar todos os mecanismos e métodos de representação empregados pelo trabalho do sonho, sem nunca perder de vista a relação de cada fator com a situação como um todo” (p.27)

“Com muita freqüência as crianças expressam na brincadeira as mesmas coisas que estiveram há pouco nos contando através de um sonho ou produzem associações a um sonho na brincadeira que o sucede. Pois o brincar é o meio mais importante de expressão da criança” (p.28)

“Provavelmente a razão está em que, em certas camadas de suas mentes, a comunicação entre o consciente e o inconsciente é ainda comparativamente fácil, de modo que o caminho de volta para o inconsciente é muito mais simples de ser encontrado.” (p.28)

“Por outro lado, às vezes nos deparamos com resistências que são muito difíceis de superar. No mais das vezes, isso significa que esbarramos na ansiedade e sentimento de culpa pertencentes a camadas mais profundas da mente da criança.” (p.28)

“ Mas é precisamente em casos como esses, em que falham todas as outras tentativas de entrar em contato com o paciente, que os brinquedos são tão úteis como um meio de iniciar a análise.” (p.53)

A Psicanálise de Crianças Melanie Klein , Imago 1997, Parte I. Capítulos 4 a 7

“as crianças no período de latência têm uma vida imaginativa limitada, em consonância com a forte tendência à repressão característica dessa idade; por outro lado, em comparação com o adulto, o ego delas é ainda pouco desenvolvido e elas não têm nem insight com respeito à sua doença nem desejo de serem curadas e, por isso, elas não têm incentivo para começar uma análise nem encorajamento para prosseguir com ela” (p.78)

“Apresentei este caso para mostrar como,, a fim de classificar as conexões psicológicas subjacentes, temos que investigar não apenas todos os pormenores de uma dada brincadeira, como também o motivo pelo qual um jogo é substituído por outro.” (p.83)

“ Descobri muitas vezes que tal mudança nos dá um insight com respeito às causas de mudanças de uma posição psicológica para outra ou das flutuações entre essas posições e, daí, quanto à dinâmica da interação entre as forças mentais.” (p.83)

“ a n á l i s e s típicas na época da puberdade diferem em muitos aspectos essenciais de análises no período de latência. As moções pulsionais da criança são mais poderosas, a atividade da sua fantasia maior e seu ego tem outros objetivos e uma relação diferente com a realidade.” (p.99)

“ O afastamento e modificação da ansiedade, que também é uma função essencial do ego no caso da criança pequena, é, no entanto, realizado com maior êxito pelo ego mais desenvolvido do adolescente.” (p.99)

“ A fantasia do adolescente é, contudo, mais adaptada à realidade e a seus interesses egóicos mais fortes, e o conteúdo delas é, por esse motivo, muito mais facilmente reconhecível do que nas crianças pequenas.” (p.100)

“Nas crianças, há um tipo de vivacidade excessiva que muitas vezes vem acompanhada de uma maneira despótica e desafiadora e que as pessoas, a partir do seu próprio ponto de vista, freqüentemente confundem ou com um sinal especial de “temperamento” ou com desobediência mesclada com desafio e desprezo.” (p.117)

“ Tal comportamento é também uma forma de compensar a ansiedade e esse método de lidar com a ansiedade influi muito na formação do caráter da criança e na sua atitude posterior com relação à sociedade.” (p.117)

**“Há uma maneira de brincar por trás da qual — especialmente durante a transição para o período de latência — se escondem movimentos estereotipados ou rígidos.”
(p.117)**

“ Pois as fantasias de masturbação são não apenas a base de todas as atividades do brincar da criança como também um componente de todas as suas posteriores sublimações.”(p.133)

Quando essas fantasias reprimidas são libera-das na análise, podemos ver a criança pequena a brincar e a criança mais velha a aprender e a desenvolver sublimações e interesses de todos os tipos; e, semelhantemente, se ela estava sofrendo de uma fobia a tocar, começará a se masturbar novamente.”(p.133)

A Psicanálise de Crianças Melanie Klein , Imago 1997, Parte I. Capítulos 8 a 10

“Ele mostra que, quando o bebê que suga está com fome, ele sente ansiedade como resultado de um aumento de tensão causado por sua necessidade, porém essa situação de ansiedade arcaica tem um protótipo ainda anterior.” (p.147)

“Ele considera esse processo fundamental para as relações do indivíduo com seus objetos e no mecanismo da projeção. Prossegue dizendo: “Uma outra porção [da pulsão de morte] não partilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com a ajuda da excitação sexual que a acompanha, acima descrita, se torna ali libidinalmente ligada. É nessa porção que temos que reconhecer o masoquismo erógeno original.”(p.148)

“A interação entre a formação do superego e relações de objeto, baseada numa interação entre projeção e introjeção, influencia profundamente o seu desenvolvimento.” (p.168)

“O ponto que eu sustento,de que nos estágios mais arcaicos do desenvolvimento a criança atravessa uma fase em que seu sadismo se encontra no auge em todos os seus campos de origem,é apenas uma ampliação da teoria aceita e bem estabelecida de que um estágio de sadismo oral (canibalismo) é seguido por um de sadismo anal.” (p.170)

“O indivíduo vai se tomando cada vez mais eficiente na superação da ansiedade, graças ao desenvolvimento progressivo do bebê em direção ao estágio genital, durante o qual ele introjeta imagos mais amistosas, resultando em uma mudança no caráter dos métodos do superego.”(p.173)

“Nas suas brincadeiras, até mesmo a criança muito pequena tentará superar suas experiências desagradáveis, como Freud demonstrou na brincadeira de um menino de um ano e meio.³ A criança arremessou um carretel de madeira amarrado a um fio de linha, de modo que o carretei desaparecesse, e, então, puxando-o de volta à vista, fê-lo reaparecer.” (p.196)

“ Uma vez que a presença e o amor dos seus objetos reais também têm o propósito de diminuir o medo que a criança pequena tem de seus objetos introjetados e o seu sentimento de culpa, o seu medo dos perigos internos fortalece sua fixação na mãe e aumenta significativamente sua necessidade de amor e de ajuda.” (p.198)

“No brincar de crianças pequenas podemos, assim, reconhecer que o ego arcaico da criança só alcança parcialmente o objetivo de controlar a ansiedade. Com o início do período de latência, a criança controla melhor sua ansiedade e, ao mesmo tempo, mostra uma capacidade maior de corresponder às demandas da realidade.”(p.203)

“Análises de crianças no período de latência mostram que não apenas cada pormenor dos seus deveres de casa, como também todas as suas várias atividades em trabalho manual, desenho e assim por diante, são utilizados em fantasia para restaurar seus próprios genitais e corpo, bem como o corpo da mãe e os seus conteúdos, o pênis do pai, os irmãos e irmãs, etc. Do mesmo modo, cada item isolado do seu próprio vestuário ou da boneca, tais como colarinhos, punhos, chalés, chapéus, cintos, meias, sapatos, tem um significado simbólico.”(p.203)

A Psicanálise de Crianças Melanie Klein , Imago 1997, Parte I. Capítulos 11 a 12

“ Esses pressupostos diferem em alguns aspectos da teoria psicanalítica aceita. Freud chegou à conclusão de que é o complexo de castração que introduz o complexo de Édipo da menina e que o que a faz afastar-se da mãe é o ressentimento que sente por esta lhe ter negado um pênis.” (p 214,215)

“ Como sabemos, no estágio da incorporação parcial o objeto é representado por uma parte dele; desse modo, o pênis do pai representa o pai como um todo. É por isso, creio, que as imagens paternas mais arcaicas da criança — o núcleo do superego paterno — são representadas pelo pênis do pai. Como eu procurei mostrar, o caráter aterrorizador e cruel do superego nas crianças de ambos os sexos se deve ao fato de que elas começaram a introjetar seus objetos em um período de desenvolvimento em que seu sadismo se achava no auge.” (p.217)

“Quanto mais ansiedade o indivíduo tem e quanto mais neurótico ele é, tanto mais as energias do seu ego e as suas forças pulsionais serão absorvidas na tentativa de superar a ansiedade; e aí, também, a satisfação libidinal será empregada primariamente com o propósito de dominar a ansiedade.” (p.220)

“Portanto, mesmo em uma época em que o menino ainda está sob o domínio de seu sadismo e quando os meios por ele empregados são totalmente de uma natureza destrutiva, o impulso para dominar a ansiedade se torna um estímulo para obter satisfação genital é um fator que promove desenvolvimento.” (p.263)

Inveja e Gratidão , Melanie Klein, Imago , 1991, Capítulos 8 e 9

“O bebê recém-nascido sofre de ansiedade persecutória suscitada pelo processo de nascimento e pela perda da situação intra-uterina. Um parto prolongado ou difícil fatalmente intensificará essa ansiedade. Outro aspecto dessa situação de ansiedade é a necessidade forçada sobre o bebê de que ele se adapte a condições inteiramente novas.” (p.121)

“As relações do bebê com seu primeiro objeto, a mãe, e com o alimento estão inseparavelmente interligadas desde o início. Portanto, o estudo dos padrões fundamentais de atitudes em relação ao alimento parece ser a melhor aproximação à compreensão dos bebês” (p.121)

“Middlemore menciona que, dos sete bebês “satisfeitos e sonolentos” que observou, seis eram manuseados muito suavemente por suas mães, enquanto com alguns “lactentes insatisfeitos” a ansiedade da mãe era despertada e ela tornava-se impaciente. Tal atitude certamente incrementará a ansiedade na criança e, assim, estabelece-se um círculo vicioso” (p.124)

“O estreito vínculo entre um bebezinho e sua mãe centra-se na relação com o seio, Embora, já desde os primeiros dias, o bebê também responda a outros aspectos da mãe —sua voz, seu rosto, suas mãos as experiências fundamentais de felicidade e amor, de frustração e ódio, estão inextricavelmente ligadas ao seio da mãe.” (p.125)

“Como mencionei, a inibição de Rita ao brincar era acentuada, e no início ela dificilmente fazia alguma coisa a não ser vestir e desvestir obsessivamente sua boneca. Mas logo vim a entender as ansiedades subjacentes às suas obsessões e as interpretei. Este caso fortaleceu minha convicção crescente de que uma precondição para a psicanálise de uma criança é compreender e interpretar as fantasias, sentimentos, ansiedades e experiências expressos através do brincar ou, se as atividades de brincar estão inibidas, as causas da inibição.” (p.152)

“Mais importante ainda, percebi que a situação transferencial —a espinha dorsal do procedimento psicanalítico —só pode ser estabelecida e mantida se o paciente for capaz de sentir que o consultório ou a sala de análise de crianças, e na verdade toda a análise, é

alguma coisa separada de sua vida familiar cotidiana. Isto porque é apenas sob tais condições que ele pode superar suas resistências contra vivenciar e expressar pensamentos, sentimentos e desejos que são incompatíveis com as convenções sociais e que, no caso de crianças, são sentidos como contrastando com muito do que lhes foi ensinado.” (p.153)

1

Descrevi como o uso dos brinquedos que eu mantinha especialmente para a criança na caixa em que eu os trouxe pela primeira vez provou ser essencial para sua análise. Esta experiência, assim como outras, ajudaram me a decidir quais brinquedos são mais adequados para a técnica psicanalítica através do brincar.” (p.154)

Inveja e Gratidão , Melanie Klein, Imago , 1991, Capítulos 10

“Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos egotísticos. em atividade desde o começo da vida, e que tem caráter constitucional. Essas conclusões têm certos elementos importantes em comum com a obra de Karl Abraham, apesar de implicar algumas diferenças com relação a ela.” (p.207)

“Isso equivale a dizer que a análise percorre o caminho que vai da vida adulta à infância e, através de estágios intermediários, retorna à vida adulta, num movimento recorrente, para a frente e para trás, de acordo com a situação transferencial predominante.” (p.209)

“O estado pré-natal indubitavelmente implica um sentimento de unidade e segurança, mas o quanto estado está livre de perturbações depende necessariamente das condições psicológicas e físicas da mãe; e, possivelmente, até mesmo de certos fatores, não investigados até o presente momento, no bebê ainda não nascido.” (p.210)

“Tenho repetidamente proposto a hipótese de que o objeto bom originário, o seio materno, forma o núcleo do ego e contribui de modo vital para o seu crescimento, e tenho frequentemente descrito como o bebê sente que concretamente internaliza o seio e o leite que este dá. Já existe também em sua mente uma conexão indefinida entre o seio e outras partes e aspectos da mãe.” (p.211)

“Deve-se fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe ciúme é baseado na inveja, mas envolve unia relação com, pelo menos,, duas pessoas; Diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival. Na concepção corriqueira de ciúme, um homem ou uma mulher se sente privado, por outrem, da pessoa amada.” (p.212)

“O invejoso passa mal à vista da fruição. Sente-se à vontade apenas com, o infortúnio dos outros. Assim, todos os esforços para satisfazer um invejoso são infrutíferos’. O ciúme, segundo Crabb é ‘.‘uma paixão nobre ou ignóbil, de acordo com o objeto. No primeiro caso, é emulação aguçada pelo medo. No segundo, é voracidade estimulada pelo medo. A inveja é sempre uma paixão vil, arrastando consigo as .piores paixões”.

Um Psicanalista Fazendo Outra Coisa: Reflexões Sobre Setting na Psicanálise Extramuros. – Psicologia: Ciência e Profissão , 2013

“Winnicott (1962/1982), anos depois, retoma essa questão. [...] Em sua opinião, psicanálise é para quem necessita, deseja e pode suportá-la. [...] a possibilidade de pensarmos sobre o nosso trabalho a partir de um referencial não exclusivamente ortodoxo, no qual apenas o clássico trabalho analítico é importante e designativo de um psicanalista. [...] mas ter a clareza de que, em algumas ocasiões, e diante de determinados pacientes, podemos ser psicanalistas que fazem alguma outra coisa.” (p. 658)

“Winnicott (1962/1982) afirma ser fundamental para um tratamento que o analista se mantenha bem, desperto e, sobretudo, vivo.” (p.664)

“Os trabalhos de Freud e de Winnicott parecem indicar que a questão referente ao setting na psicanálise se relaciona muito mais com o campo teórico que embasa nossas concepções sobre o ser humano, sua construção como sujeito desejante, vivo, na tarefa incessante de se relacionar com o mundo do que com o lugar em que nosso trabalho de

desenvolve. Os lugares serão apenas suportes materiais para que uma outra cena se inaugure, uma outra narrativa seja possível, uma outra história possa ser contada.” (p. 664-665)

A Psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades, Ágora, 2013

“Freud se dá conta de que as pessoas, ao falarem, dizem muito mais do que imaginam estar dizendo. Cria então o primeiro conceito chave da psicanálise: o conceito de inconsciente” (idem, p. 213).” (p. 136 - 137)

A partir da prática nos hospitais, observa-se que a extensão da psicanálise para esses espaços pode fazer com que ela se misture com a promoção de tratamentos que visariam simplesmente restabelecer o equilíbrio, o bem-estar, a saúde perdida.” (p. 138)

“O psicanalista pode ser solicitado pelo médico para eliminar um fenômeno psíquico, para tentar acalmar qualquer situação de angústia ou para convencer os pacientes a aceitarem algum procedimento ao qual ele se opõe ou resiste. Eliminar, acalmar, convencer... Esses são termos que frequentemente envolvem o pedido do médico ao analista.” (p. 139)

“ O analista, no encontro com o paciente, vai operar com a transferência e, por meio da interpretação, coloca-se em uma posição em que o sujeito é levado a produzir, por suas próprias palavras, o saber do inconsciente.” (p. 139)

“Para que o psicanalista possa praticar sua especificidade, ele precisa ter clareza de seus propósitos. No contexto hospitalar, o psicanalista com frequência sofre demandas provenientes de outros campos do saber e é importante que ele saiba disso, pois, às vezes, é preciso recuar.” (p. 146- 147)

“O psicanalista no hospital se afasta das normas e padrões adotados pelas técnicas convencionais. Ele encontra à sua disposição um conjunto limitado de utensílios e materiais.” (p. 148)

Limites e possibilidades da escuta clínica dentro de um hospital geral, Ágora, 2020

“Na abordagem inicial, Abel fala de seu adoecimento, das perdas subsequentes, da piora da doença, agora com novos prejuízos. Afirma “Minha doença não tem cura”, e emenda “O que você pode fazer por mim?”. Diante de tal interrogação, posta à beira-leito, o atendimento segue, aparentemente, trôpego [...] A pergunta lançada sobre o que se pode fazer por esse paciente, diante da situação em que se encontra, mobiliza outras interrogações a respeito da prática dentro do hospital geral, e é imprescindível saber que prática é essa – o que a fundamenta, o que pretende – e onde

ela busca se inserir.” (p. 111)

“Podemos notar que a prática clínica no hospital geral é permeada por espaços públicos, com circulação de pessoas, interrupções ou perturbações as mais diversas e, muitas vezes, inadiáveis”(p. 114)

“Entendemos que o trabalho da clínica psicanalítica, na qual o sujeito do inconsciente é responsável por dar direcionamento ao que é dito e feito – e que nem sempre se tem consciência das escolhas e desdobramentos –, só é possível dentro de um hospital geral se aquele que pretende praticá-la estiver disposto a interrogar não só os pacientes internados na instituição, mas a si próprio, a fim de que opere uma abertura e afinamento da escuta clínica que suscita a emergência do sujeito no ambiente em que estiver.” (p.116)

Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor, Psicologia da educação, 2010

“A relação entre psicanálise e educação vem de longa data, desde que Freud demonstrou seu interesse pela pedagogia na intenção de possibilitar uma melhor compreensão por parte dos educadores sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente (FREUD, 1913). [...] . Os sentimentos de admiração e de respeito são transferidos do pai para o professor, assim como a “ambivalência afetiva” que reside na antítese amor-ódio.” (p. 81)

“A finalidade da educação é a instauração do princípio de realidade, ou seja, é permitir ao indivíduo, submetido ao princípio do prazer, a passagem de pura satisfação das pulsões para um universo simbólico, que faz referência a uma lei, a lei da castração.” (p. 82)

“ A premissa fundamental da psicanálise é a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente. E sua grande utilidade é, sem dúvida alguma, a tentativa de trazer o inconsciente até o consciente levando as repressões e preenchendo as lacunas mnêmicas. [...]Para a psicanálise toda e qualquer ligação do sujeito com o mundo significa investimento afetivo. Dessa maneira, são de grande importância para a educação os resultados das investigações psicanalíticas, que reivindicam para os processos afetivos a primazia na vida psíquica.” (p. 84)

“O lugar da sala de aula constitui um encontro de vários sujeitos com múltiplas ocasiões de transferência. A relação entre o sujeito do inconsciente e o sujeito social deve ser tratada a partir de diferentes abordagens complementares (Psicologia, Psicanálise, Antropologia) que permitam a elaboração de uma real articulação entre um pensamento crítico e a ação profissional.” (p. 85)

“O lugar da sala de aula constitui um encontro de vários sujeitos com múltiplas ocasiões de transferência. A relação entre o sujeito do inconsciente e o sujeito social deve ser tratada a partir de diferentes abordagens complementares (Psicologia,

Psicanálise, Antropologia) que permitam a elaboração de uma real articulação entre um pensamento crítico e a ação profissional.” (p. 85)

O desejo e a aprendizagem da leitura e da escrita.- Ágora , 2017

“É comum a criança em fase de alfabetização enfrentar angústias como efeito das demandas a que deve responder.” (p. 148)

“ Ao falar, a criança promove uma ruptura que a coloca no espaço simbólico da linguagem, como sujeito barrado, dividido entre uma existência anterior e essa que assume como ser falante. O que fica suspenso e fora de possibilidade de representação simbólica está recalcado, opacificado e marca um lugar que Freud (1893-1895/1992) denominou de “condição latente”. ” (p. 149)

“A linguagem, como espaço do simbólico, é o lugar da inscrição dos sons da fala e dos traços e signos que constituem a escrita. A linguagem nos leva à noção de texto e de tecitura, como uma trama de significantes que vão formar os sentidos da linguagem” (p. 152)

“O lugar do grande Outro, lugar da linguagem, é lugar necessário e de necessidade enquanto garantia ao sujeito de constituir-se como ser evanescente, que desliza nos significantes da fala[...] Partindo do conceito freudiano de transferência, Lacan contrapõe a intersubjetividade que tomamos tradicionalmente enquanto interação social, para situar a transferência que surge na ausência daquela, em situação psicanalítica de tratamento.” (p. 155)

“O leitor entendido a partir da psicanálise, é o leitor da linguagem que nasce sob a égide de suas normas. Na leitura da linguagem, conjugam-se a gramática e a fonêmica, lugares em que o sujeito se reconhece.” (p. 156)

Psicologia do trabalho e psicanálise: Uma possibilidade de compreensão do sofrimento psíquico, psíquico.- Anais XIX Encontro de Psicologia UNESP-2006

“[...] a Psicologia do Trabalho se volta para a compreensão do fenômeno humano na situação de trabalho, abrindo espaço para refletir sobre a precarização das relações de trabalho e o sofrimento físico e psíquico do trabalhador advindo das pressões do meio.” (p. 05)

“ Entretanto, nem sempre o sofrimento é prejudicial à saúde física e mental do

trabalhador. Pelo contrário, ele pode representar um meio de o sujeito, através da sublimação, conferir uma nova significação ao trabalho, à medida que, quando levado à resolução de problemas dentro da organização, o sujeito tem a chance de alcançar um reconhecimento social de seu trabalho e se torna capaz de dominar suas angústias e, conseqüentemente, controlar seu sofrimento, salvando seu equilíbrio mental.” (p. 06)

Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações , Estudos de Psicologia, 2002

“[...] De outro, a Psicanálise pode contribuir para as teorias organizacionais com a exploração do inconsciente, usando seus referenciais teóricos para modificar o já posto, procurando provar, testar, desenvolver e transcender alguns dos constructos já estudados pela Psicologia Organizacional tradicional, na tentativa de ampliar os insights sobre o fenômeno estudado.”(p. 90- 91)

“Por ser um campo relativamente recente, que não conta com um número suficiente de pesquisas empíricas, não é possível a elaboração de um conjunto de princípios que fundamentam todas as investigações da área. Ainda são muitas as especificidades teóricas e metodológicas que têm guiado a maioria das pesquisas, o que não invalida as contribuições que têm trazido para o fortalecimento deste campo de investigação.” (p. 95)

Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas, Psicologia e Sociedade , 2012

“Este “ainda falta” vivenciado no esporte, essa performance que nunca é boa o suficiente já que, após a sua comemoração, há de se pensar no novo limite a ser ultrapassado, está presente no nosso laço social como um todo, sendo potencialmente fonte de padecimento do sujeito contemporâneo.” (p. 129)

“No treinamento de alto rendimento, seja ele técnico, tático, físico e mesmo psicológico, o atleta não raras vezes é desconsiderado como sujeito. Na medida em que não participa ativamente do processo de construção de treino e em que os aspectos subjetivos são desconsiderados, fica numa posição de objeto frente ao discurso da alta performance.” (p. 730)

“O espírito utópico desperta um pensamento crítico que marca o século XX. Segundo Barbanti (2000), a utopia se caracteriza por ser a manifestação histórica de um sujeito racional que, numa crítica implícita ao presente, prefigura uma outra forma de vida possível. Para Bloch (2005), a utopia está ligada àquilo que ainda-não-veio-a-ser, ao sonho para frente, ao antecipatório.” (p. 134)

Música e um pouco de silêncio: da voz ao sujeito, Ágora, 2012

“Talvez por isso o violão seja, em nossa experiência na oficina de música do Caps, tão requisitado pelos pacientes. Quando cada um tem seu tempo, o violão funciona diminuindo o “grau de incerteza no universo, porque insemina nele um princípio de ordem temporal”(idem).” (p. 374)

Deste modo, a música, em sua essência, seria indutora de uma sincronicidade estrutural entre sujeito e Outro, pois assim como não haveria um intervalo entre o instante no qual a música toca e o instante em que o corpo responde a essa música, tampouco haveria uma latência entre o instante no qual o sujeito cantando invoca o Outro e o instante em que ele advém. Assim, a música teria o poder de comemorar um tempo primordial de constituição, quando, antes de receber a palavra, o sujeito ganharia uma base sobre a qual esta se desenvolverá.” (p. 381)

“O silêncio decanta como ponto essencial do trabalho de dar voz ao sujeito. Para que ele fale desde esse lugar, de sujeito, é necessário que ele possa esquecer a voz do Outro criando aquilo que Vives (2009) aponta como “ponto surdo”. Só nesse ponto surdo é que o sujeito poderá tornar-se falante, esquecendo-se que é receptor do timbre originário.” (p. 383)

Modos de morar de pessoas com transtorno mental grave no Brasil: uma avaliação interdisciplinar, Ciência & Saúde Coletiva, 2013

“[...] A complexidade intrínseca ao morar e suas múltiplas relações com a (re)inserção social nos parecem tornar imprescindível a interdisciplinaridade, isto é, a tentativa de efetiva articulação entre diferentes perspectivas e áreas do conhecimento.” (p. 3684)

“ [...] Um suporte atento e flexível, extramuros, pode ser decisivo para a manutenção de suas moradias e uma inserção ao menos funcional no espaço urbano e, para alguns, para a superação da institucionalização em albergues públicos e privados a que estão sujeitos.” (p.3691)

Futuro de uma ilusão Sigmund Freud Imago 1927/1971 XXI

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4628180/mod_resource/content/1/Mal_Estar_%20freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf

“A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização -, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. “ (p.04)

“A questão decisiva consiste em saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instintuais impostos aos homens, reconciliá-los com aqueles que necessariamente devem permanecer e fornecer-lhes uma compensação.” (p.06)

“As idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença. Visto nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida, elas são particular e altamente prezadas.” (p.17)

Mal-estar na civilização Sigmund Freud Imago 1930/1971 XXI

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4628180/mod_resource/content/1/Mal_Estar_%20freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf

“É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação - isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida.”(p.42)

“As fronteiras desse primitivo ego em busca de prazer não podem fugir a uma retificação através da experiência. Entretanto, algumas das coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não ego, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna. Assim, acaba-se por aprender um processo através do qual, por meio de uma direção deliberada das próprias atividades sensoriais e de uma ação muscular apropriada, se pode diferenciar entre o que é interno - ou seja, que pertence ao ego - e o que é externo - ou seja, que emana do mundo externo. Desse modo, dá-se o primeiro passo no sentido da introdução do princípio da realidade, que deve dominar o desenvolvimento futuro.” (pp.44)

“Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de

destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.” (p.50)

“O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes” (p.50)

“Nenhum aspecto, porém, parece caracterizar melhor a civilização do que sua estima e seu incentivo em relação às mais elevadas atividades mentais do homem - suas realizações intelectuais, científicas e artísticas - e o papel fundamental que atribui às idéias na vida humana.” (p.61)

Moisés e o monoteísmo Sigmund Freud Imago 1939/1971

https://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno24_pdf/21_CP_24_MOISES_E_O_MONOTEISMO.pdf

“Fuks reconhece como um dos motivos para a escrita de Moisés e o monoteísmo a necessidade de compreender o ódio ao outro no paradigma do judeu, a quem chamou de “o ancestral unheimlich das massas” (FUKS, 2000, p: 91). Embora os autores citados desenvolvam diferentes interpretações para Moisés e o monoteísmo, os três concordam em indicar o fator que se refere à condição judaica de Freud e às suas questões com a identidade judaica” (P.121)

“Em última instância, nos termos psicanalíticos, Moisés e o monoteísmo faz a ponte entre a constituição do psiquismo individual e o da espécie, adequando essa analogia à história de um povo.” (p.122)

“Tendo em vista os comentários pessoais do autor nas Notas I e II no Ensaio III, é possível que Moisés e o monoteísmo seja o argumento de Freud contra o antissemitismo do seu tempo, e contra o ódio aos judeus ao longo da sua história. Fuks afirma, “Freud faz de Moisés e o monoteísmo uma tentativa de denunciar a estrutura religiosa do totalitarismo anti-semita que, sob o signo do ódio, fomentava uma cultura de hostilidade mortal ao outro”. (FUKS, 2000, p: 88.)” (p.125)

“Tendo em vista as considerações sugeridas neste artigo, o último grande texto de Freud, Moisés e o monoteísmo, seria a proposta de uma teoria para o antissemitismo, não nos moldes políticos, históricos ou sociais, mas uma teoria à luz dos conceitos psicanalíticos. “(p.126)

“Freud constrói uma possibilidade de verdade material, em que o Moisés mítico se revela como herdeiro da extinta religião de Aten, instituindo-a entre os hebreus”(P.127)

Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen, Sigmund Freud Imago 1907/1971 IX

<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13803.pdf?srsId=AfmBOorbqLHTikCk97DD2ygyJyNPbgWMVwC94-5nzn12Hz71HMe-aMd>

“Quando fazem sonhar as personagens que sua fantasia criou, obedecem à experiência cotidiana de que os pensamentos e afetos dos indivíduos prosseguem durante o sono, e buscam retratar os estados de alma de seus heróis mediante os sonhos que eles têm” (p.16)

“ O que se acha em questão, primeiramente, é se o sonho tem de fato um sentido, se podemos lhe atribuir o valor de um evento* psíquico. A ciência responde com um “não”, declara que o sonho é um evento puramente fisiológico, no qual, portanto, não devemos buscar sentido, significação, propósito” (p.15)

“O interesse que o herói da história tem pelo baixo-relevo é o fato psicológico básico da narrativa, e não acha explicação imediata. “O dr. Norbert Hanold, professor de arqueologia, não encontrou nada verdadeiramente notável para a sua ciência no baixo-relevo” (Gradiva, p. 3).* “Não podia explicar para si mesmo o que nele havia despertado sua atenção, apenas sabia que fora atraído por algo, e que esse efeito prosseguia inalterado desde então.”(p.19)